

# 15.

Julien Bismuth

Se eu tivesse que definir o CAPACETE com uma única palavra, seria "experimento". Um experimento é algo que você tenta, sem necessariamente saber qual será o resultado. A própria palavra vem do latim: *ex*, que significa "para fora de", e de *peritus*, que significa "experiência ou teste".

Como acontece a qualquer definição, quanto mais perto se olha as palavras que a compõem, mais longe elas se retraem rumo a outras constelações léxicas; mas talvez isso também exemplifique



Pirahã project. Foto: Julien Bismuth.

o ponto em que quero chegar. Nosso entendimento das palavras é principalmente uma questão de hábito e repetição. De reiteração. Aprendemos uma língua ao “imitar nossas babás” quando crianças, como Dante escreveu. São precisamente tais panos de fundo não examinados que o CAPACETE põe em dúvida, ou pelo menos foi assim comigo. Meu tempo lá me levou a questionar certos hábitos: de fala, de pensamento, de trabalho, de ação e de interação. Eu não descreveria isso como um aspecto sistêmico ou mesmo sistemático do programa, muito menos como uma injunção ou obrigação, mas como algo mais difuso e elusivo, como uma atmosfera ou humor. Ou como um convite. Se o aprendizado está ligado à imitação, então talvez o pensamento – especialmente o pensamento crítico – seja simplesmente uma questão de questionar, duvidar, reexaminar e potencialmente desafiar as lições que temos imitado desde o nascimento, mesmo que apenas para entendê-las melhor. O CAPACETE poderia, assim, ser descrito como um convite a viver e pensar criticamente, experimentalmente, com outras pessoas. Mesmo sendo um experimento, no entanto, é um experimento conduzido *em conjunto com* outras pessoas, e não *sobre* outras pessoas. Não há ratos de laboratório, nem jaulas, nem separações entre observador e observados, cobaias e cientistas, entre as paredes fluidas e migratórias desse experimento. Seu *ethos* inerentemente democrático e participativo produz seus próprios pesos e contrapesos implícitos.

Acho que o que estou dizendo vai fazer sentido para qualquer um que passou tempo no CAPACETE. Há uma fluidez geral nas interações e trocas que se passam por lá (e que são bastante difíceis de descrever), bem como um sentimento de não ter pressa com a vida, que mascaram a quantidade de coisas que acontecem ali diariamente. Ainda assim, nenhum desses fenômenos é fácil de analisar ou descrever. Cada um é o produto de um grupo específico de pessoas, em um período e situação também específicos, e a única característica global é a potência do que foi produzido ali ao longo dos anos, além da duradoura generosidade do convite feito. Há uma passagem escrita pelo filósofo francês Georges Canguilhem que eu mantive em mente enquanto escrevia esse texto. Ao fim de um ensaio intitulado “O conhecimento da vida”, Canguilhem afirma que, se “ser um sujeito do conhecimento é simplesmente não estar satisfeito com o significado encontrado pronto à mão”, a insatisfação não deveria ser vista apenas como um reflexo das inadequações do conhecimento humano. Em vez disso, ela deveria ser vista como a consequência da inquietude inerente

à vida mesma: "...mantendo em mente o adágio de Claude Bernard: a *vida é criação*, diremos que o conhecimento da vida tem de ter lugar por meio de conversões imprevisíveis, trabalhando para capturar um devir cuja significação (*sens*<sup>1</sup>) nunca se revela tão claramente ao nosso entendimento como quando o desconcerta."

Explicar inteiramente o porquê dessa citação se harmonizar com minha experiência no CAPACETE ultrapassa os limites desse texto curto. É suficiente dizer que as palavras de Canguilhem encapsulam a mistura singular de vitalidade e crítica que eu encontrei lá: uma sensação de que a existência pode e deve ser o local para uma constante e destemida experimentação cujo potencial criativo é simplesmente o da própria vida.

## Notas

1. Claude Bernard (1813-1864) foi um médico e também um dos mais importantes teóricos da moderna ciência experimental. A palavra *sens*, em francês, pode também significar orientação, direção, ao mesmo tempo em que partilha de todos os significados da palavra inglesa *sense* e da palavra portuguesa "sentido".

